

RICARDO TORRI DE ARAÚJO



# Experiência mística e psicanálise



Edições Loyola

Experiência mística  
e psicanálise



RICARDO TORRI DE ARAÚJO

# Experiência mística e psicanálise



Edições Loyola





## Sumário

<b>1</b>	Nem espiritualismo, nem psicologismo .....	7
<b>2</b>	A experiência mística .....	9
<b>3</b>	Freud e o sentimento oceânico .....	15
<b>4</b>	O caráter erótico da experiência mística .....	23
<b>5</b>	O caráter unitivo do impulso erótico .....	29
<b>6</b>	O caráter materno da união mística .....	34
<b>7</b>	O caráter religioso dos delírios psicóticos .....	39
<b>8</b>	A experiência mística como forma substitutiva de satisfação sexual .....	42
<b>9</b>	A experiência mística como vivência regressiva de tipo psicótico .....	49
<b>10</b>	Discernimento entre a mística e a psicose .....	54
	Referências bibliográficas .....	63



# 1

## Nem espiritualismo, nem psicologismo

Experiência mística e psicanálise... O assunto de que se trata, neste livro, é a experiência mística. A psicanálise, por sua vez, é a lente com que pretendemos focalizá-la, o bisturi com que temos a intenção de dissecá-la, a luz que queremos deixar cair sobre ela. Mas... tem a psicanálise algo a dizer sobre tão sublime matéria?

A experiência mística é um fenômeno humano de primeira grandeza, uma realidade da mais alta importância. Trata-se, afinal, do ápice da vivência religiosa, do ponto culminante da experiência que o ser humano faz de Deus.

Já se pretendeu, em nome da dignidade daquilo de que aqui se trata, que a mística fosse dispensada do exame crítico pela ciência, ficando esta, assim, isenta. O discurso sobre a vivência espiritual seria, pois, um domínio reservado aos teólogos; a experiência que os seres humanos fazem de Deus seria uma matéria sobre a qual a psicanálise deveria com reverência se calar.

Ora, não nos parece que a mística seja um assunto intocável, sobre o qual apenas os *experts* em teologia espiritual possam opinar. A experiência humana de Deus acontece na mente das pessoas que se dão a ela, tem lugar no aparelho psíquico dos crentes, donde a legitimidade de uma abordagem psicanalítica da mesma.

A psicanálise tem, pois, segundo o nosso juízo, o direito de se pronunciar sobre a mística. Isso não significa, porém, que ela tenha a última palavra a dizer sobre o assunto ou, menos ainda, que tenha tudo a dizer a respeito.

Noutras palavras, ao iniciar este estudo, queremos, de saída, rechaçar duas formas de reducionismo: o espiritualismo e o psicologismo. Para o espiritualismo, a psicologia — inclua-se aí a psicanálise — não tem nada a dizer sobre a experiência humana de Deus; para o psicologismo, o que a psicologia tem a dizer sobre o tema é tudo. Tanto uma coisa como outra são inadmissíveis.

Nas relações entre a psicologia e a espiritualidade, há, com efeito, duas formas de reducionismo possíveis. A primeira delas, chamada “espiritualismo”, “angelismo” ou “animismo”, consiste em não reconhecer a pertinência de uma abordagem psicológica dos fenômenos espirituais. As experiências de Deus estariam fora do alcance das ciências da mente; o psicólogo, o psiquiatra ou o psicanalista nada teriam a dizer sobre o tema.

O psicologismo, por sua vez, é o contrário do espiritualismo. O espiritualismo é um reducionismo a partir de cima; o psicologismo, de baixo. Conquistada sua cidadania no campo da elucidação das vivências religiosas, a psicologia ou a psicanálise podem sentir que o que elas têm a dizer sobre a matéria é tudo o que há para ser dito. A sua perspectiva abarca tudo; o seu ângulo de visão esgota o assunto. A isso, dá-se o nome de “psicologismo”.

Nem espiritualismo, nem psicologismo; recusamos, aqui, tanto uma coisa como outra. Cremos que o que se segue é pertinente, mas revela apenas um aspecto da questão, mostra somente uma face da coisa, dá a conhecer unicamente um lado do problema. Que o leitor, ao debulhar estas páginas, tenha presente a ponderação com que as iniciamos.

# Que tal continuar a leitura?

*Adquira já o seu exemplar!*



**Comprar**

Clique no ícone azul 